



R. B. ROSENTHAL
LIVROS
Lisboa 2 — Portugal

Borda de Jorais I, 308

22/8/69
10/00

1568/5853.

Thomas Antonio (1568/5853)

M A R I L I A
D E
D I R C E O.

P O R T. A. G.

S E G U N D A P A R T E.



L I S B O A:

N A O F F I C I N A N U N E S I A N A:

A N N O M. D C C. X C I X.

Com licença da Meza do Desembargo do Paço.



✱ {XXXXXXXXXX} ✱ {XXXXXXXXXX} ✱
M A R I L I A
DE
D I R C E O.

◆ ————— ◆
L Y R A I.

JA' não cínjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos me inspira:
Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal sonora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:
Cumpro o seu desejo;
E ao que resta suppra
A paixão, e a arte.

A fumaça , Marilia , da candêa ,
Que a molhada parede ou çuja , ou pinta ;
Bem que tosca , e fêa ,
Agora me póde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta :
Elle me diz , que faça no pé de huma
Má laranja ponta ,
E delle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não , não devo
Verás , Marilia , huma idéa nova :
Sim , eu já te escrevo ,
Do que esta alma dita
Quanto amor approva.

Quem

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
Dessa bocca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei = no peito = que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu Retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só póde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Céos, que pejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.
Ah! da-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.

LYRA II.

E Sprema a vil calunnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marilia, o medo escrito :
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito,
As Furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Es-

Este Deos convertêo em flor mimosa,
A quem feu nome derão, a Narciso,
Fêz de muitos os Altros,
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle pôde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo;
Em nova flor mudar-me,
Mudar-me em Altro novo.

Porém se os justos Céos por fins ocultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem,
Verás então, que os sábios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes:
Hum coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

L Y.



LYRA III.

Succede, Marilia bella,
A' medonha noite o dia:
A estação chuvosa e fria,
A' quente secca estação.
Muda-se a forte dos tempos;
Só a minha forte não?

Os troncos, nas Primaveras,
Brotão em flores viçosos;
Nos Invernos escabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a forte dos troncos;
Só a minha forte não?

Aos

Aos brutos, Marília, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois, das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não?

Aos altos Deuses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deuses;
Só a minha sorte não?

Ha

Hade, Marilza, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu fou verá o mundo,
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha:
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.



L Y R A IV.

JA', já me vai, Marilia, branquejando
Loiro cabello, que circula a testa,
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos,
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se

Se algum dia me vires desta forte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos danos.

Mal te vir me dará em poucos dias,
A minha mocidade o doce gosto;
Verás burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmo Verão as plantas seccão,
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Sup-

Suppoê-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera :
Eu tambem te supponho qual saúde,
Ou qual a Primavera.

Se dão effes teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos Altros luz, e vida ás flores ;
Que effeitos não farão, em quem por elles
Sempre morrêo de amores?



L Y R A V.

OS mares, minha bella, não se movem ;
O brando Norte affopra, nem diviso
Huma nuvem sequer na Esfera toda,
O destro Nauta aqui não he preciso ;
Eu só conduzo a náó, eu só modêro
Do seu governo a roda.

Mas

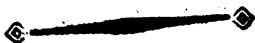
Mas ah! que o Sul carrega, o mar se empolla,
Rasga-se a véla, o mastaréo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio Piloto, corra, e venha
Reger o duro leme.

Como succede á náó no mar, succede
Aos homens na ventura, e na desgraça:
Basta ao feliz não ter total demencia,
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio, os raios chovem;
E esta alma, em tanta pena conternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah, não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náó, marêa o panno,
Vai-a salvar no porto.

Mas

Mas ouço já de Amor as sábias vozes!
Elle me diz que soffra se não morro;
E perco então se morro huns doces laços.
Não quero já, Marilia, mais soccorro;
Oa ditoso soffrer, que lucrar póde
A gloria dos teus braços!



LYRA VI.

DE que te queixas,
Lingua importuna?
De que a Fortuna
Roubar-te queira,
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Le-

Levou , Marilia ,
A impia forte
Catoens á morte ;
Nem sepultura
Lhes concedeu.

Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos ,
Que vís nascerão ,
Nem merecerão ,
A grandes thronos
A impia ergueu.

Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens, e os damnos;
E a quem se devão
Nunca escolheu.
Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo,
Já mais se dobra;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cáro Ceo.
Este foi sempre
O genio seu.

So.

Sobe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano ;
E cahé Vulcano
Da pura esfera ,
Em que nasceu.
Este foi sempre
O genio feu.

Mas não me rouba ,
Bem que se mude ,
Honra , e virtude :
Que o mais he della ,
Mas isto he meu.
Este foi sempre
O genio feu.



L Y R A VII.

MEu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que bem que réo abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão soccorro;
Ah! vem dar-m'o agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaço fogofo,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivofo.
Deixa que viva a perfida calumnia,
E forge o meu tormento:
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

To-

Toma a lyra doirada ,
E toca hum pouco nella :
Levanta a vóz celeste
Em parte que te escute a minha bella ;
Enche todo o contórno de alegria ;
Não soffras , que o desgosto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu fei , eu fei , Glauceste ,
Que hum bom Cantor havia ,
Que os brutos amansava ;
Que os tronços , e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma ,
A sábia Antiguidade ,
Que as muralhas erguera
De huma grande Cidade.

Or.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abrandá,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedés, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto:
Podes fazer prodigios;
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflito;
Que he menos inda, que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo,
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo!



LYRA VIII.

E U vejo, ó minha bella, aquelle Numen,
A quem o nome derão de Fortuna,
Pega-me pelo braço,
E com vóz importuna
Me diz que mova o passo;
Que entre no grande Templo, em q se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma;
Vejo-a queimar Carthago;
Vejo que as gentes doma;
E vejo o seu estrago.

Lá floresce o poder do Assyrio Povo:
Aqui os Medos crescem
E os perde hum braço novo.

Ei-

Então me diz a Deosa: *E que pertendes ?
Todas estas Medalhas vêr agora ?*

Ab! não, não sejas louco!

Espaço de annos fôra

Para isso ainda pouco.

Deixa estranhos successos; vem comigo,

Verds quanto inda deve

Acontecer com tigo.

Levou-me a onde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.

Tirei-te libras de oiro,

Me diz, e quero dar-te

Todo aquelle thesoiro.

Não suspira por tens hum peito nobre:

Sevéro lhe respondo.

Vivo affeito a ser pobre.

Aqu

Aqui me enruga a Deosa irada a testa
E fica sem fallar hum breve espaço.

Alegre, alegre o rosto,

Profegue, ali te faço

Restituir o posto.

Respondo com ar de mofa, e tom sereno:

Conbeço-te, Fortuna,

Posso morrer pequena.

Aqui te dou, me diz, a tua amada.

Então me banho todo de alegria

Cuidei, me torna a cega,

Que essa alma não queria

Nem esta mesma entrega.

He esse o bem, respondo, que me move;

Mas este bem he santo;

Vem só da mão de Jove.

Que-

Queria mais fallar ; eu insoffrido
Desta maneira rompo os seus accentos :
Basta , Fortuna , basta ;
Estes breves momentos
Lá noutras coizas gasta ;
Da minha sorte nada mais contemplo.
E chamando Marilia
Suspiro , e deixo o Templo.



L Y R A IX.

A Estas horas
Eu procurava
Os meus Amores ;
Tinhão-me inveja
Os mais Pastores.

A porta abria ,
Inda esfregando
Os olhos bellos ,
Sem flor , nem fitta
Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo
Sem compostura ,
He mais formosa ,
Que a estrella d'alva ,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via ,
Hum ar mais leve ,
(Que doce effeito !)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e felva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

Não cóllo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Ma-

Marilia vendo ,
Que eu só com ella
He que fallava ;
Ria-se a furto ,
E disfarçava.

Deſta maneira
Nos caſtos peitos ,
De dia , em dia
A noſſa chamma
Mais ſe accendia.

Ah ! quantas vezes
No chão ſentado ,
Eu lhe lavrava
As finas rócas ,
Em que fiava ?

Da

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente fésta,
Della defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava:
Então vaidoso
Assim cantava:

Não

Não ha Pastora,
Que chegar possa
A' minha bella ;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella :

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito ,
Eu não invejo
De Jove o leito :

Ornãõ feu peito
As sãs virtudes,
Que nos namorão ;
No feu semblante
As Graças morão.

AL

Assim vivia :
Hoje em suspiros
O canto mudo
Assim , Marilia,
Se acaba tudo.



L Y R A X.

ARde o velho barril , arde a cabeça ,
Em honra de João na larga rua ;
O credulo Mortal agora indaga ,
Qual seja a forte sua ?

Eu não tenho alcaxofra , que á luz chegue ,
E nella óvalhe o Ceo de madrugada ,
Para ver se rebentão novas folhas ,
Aonde foi queimada.

Tão-

Tambem não tenho hum ovo , que despeje
Dentro de hum cópo d'agua , e possa nella
Fingir Palacios grandes , altas Torres ,
E huma Não á véla.

Mas, ah! em bem me lembre: eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,
E atrás de qualquer porta attento esteja ,
Até ouvir hum nome.

Que o nome , que primeiro ouvir , he esse
O nome , que ha de ter a minha amada :
Pode verdade ser , se fôr mentira ,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar , e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena :
Despejo logo a boca : ah ! não sei como
Não morro alli de pena !

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada.
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vais acreditar, o que te ensina
Velha mulher já tonta.

Humilde lhe respondo: quem debaixo
Do açoite da Fortuna afflito geme,
Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,
Se agoirão males, teme.



L Y R A X I.

SE acafo não estou no fundo Averno
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflições tyrannas, que aos Precitos
Arbítra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
Com a mão descarnada não me applicão
As raivosas serpentes.
Mas cercão-me outros môstros mais irados:
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha;
Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento :
Por coisas que me affligem, roda, e gyra
Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tepidas entranhas não me come
Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade :
Devora o coração, que mal palpita,
O abutre da faulade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retirão, quando busco
Fartar o meu desejo;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato,
Que lograr-te não possa, estando vendo
Nesta alma o teu retrato.

Es-

**Estou no Inferno , estou , Marilia bella ;
E n'huma coisa só he mais humana**

A minha dura estrella :

**Huns não podem mover do Inferno os passos ;
Eu pertendo voar , e voar cedo
A' gloria dos teus braços.**



LYRA XII.

A H, Marilia, que tormento
Não tens de sentir faudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldêa,
Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
Mandarás aos furdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando lebares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado
Tu dirás : aqui trazia
Dirceo tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha
E minha pobre morada.
Tu dirás então contigo :
Alli Dirceo esperava
Para me levar consigo :
E alli soffreo a prisão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quan-

Quando vires igualmente
Do caro Glauceite a choça,
Onde alegres se juntavão
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás, de mágoa chêa:
Todo o congresso alli anda,
Só o meu Amado não.

Mandarás aos furdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás: não foi tyranna
Sómente comigo a forte;
Tambem cortou deshumana
A mais fiél un ão.

Mandarás aos furdos Deoses
Novos suspiros em vão.

N'u-

N'uma masmorra mettido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas:
Mas se existem separadas
Dos inchados róxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.



L Y R A XIII.

VEs, Marilia, hum cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre :
A Pyra sacro-santa já se accende :
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Vês agora o novillo ,
A quem segura o laço :
No chão as mãos especá :
Nem quer mover hum passo :
Não conhece que sahe de hum máo terreno ,
Que o forte pulso , que a seguir o arrasta ,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Igno-

Ignora o bruto, como
Lhe dispomos a forte :
Hum vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte,
Nós temos, minha bella, igual demencia:
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão:
De conselho mudirão,
Como escravo o vendêrão:
José não corre a ser hum servo afflito:
Vai subindo os degrãos, por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
Hoje, ó bella, me prende,
Só porque nisto de outros
Mais damnos me defende?
Pode inda raiar hum claro dia.
Mas quer raie, quer não, ao Ceo adoro;
E beijo a santa mão, que assim me guia.



L Y R A XIV.

A Alma digna de mil Avós Augustos!
Tu sentes, tu soluças
Ao ver cahir os justos;
Honras as santas leis da Humanidade:
E aos teus exemplos deve
Gravar com letras de oiro no seu Templo
A candida Amizade.

Não he, não he de Heróe huma alma forte,
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro,
Que a sua gloria firma,
Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado Chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo, e chora!
He grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar podéra,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chãmas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada fervesse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gemera; e suspirára.

Oh,

Oh ! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade , quando
Se dão iguaes idéas !

Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera ,

Foi por fer a minha alma igual á tua ,
E a tua igual á minha.

Se , ó caro Amigo , te merece tanto ,
Lá lhe fica a sua alma ,
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo , és tu , Marília bella.

Ah ! sim , honrado Amigo ,
Se enxugar não poderes os seus olhos ;
Prantêa então com ella.



LYRA XV.

EU, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
Vestia finas lãns, e tinha sempre
A minha chóça do preciso chêa.
Tirarão-me o casal, e o manso gado,
Nem tenho a que me encofte hum só cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que hum grande Throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava
Levando a sementeira prejuizo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca hum ar de riso.
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sesta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha
Que a tanto grão subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar fobeja
Que as affague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermos lans , e pelles finas ,
podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas ,
E os pannos feitos com as lans mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de Amor, por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente fésta
Com canas , e com céstos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envifgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o verão, sabio, honesto, e fanto.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos se os tivermos á fogueira;
Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira:
Pasmados te ouviráõ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
Nos mostraráõ c'o dedo os mais Pastores,
Dizendo huns para os outros: olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são os amores.
Contentes viviremos desta forte,
Até que chegue a hum dos dois a morte.



LYRA XVI.

V Ejo, Marilia,
Que o nédeo gado
Anda disperfo
No monte, e prado;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu Pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Darão suspiros
E verdadeiros ;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço ;
Que a minha herdade
Estando eu prezo ,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua ,
E nem a grade ;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas

Mas quando fobe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldéa.
De mil cuidados
E mágoa cheia;
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas

Mas este excesso

Perdão merece,

E delle Jove

Se compadece;

Que Jove, ó bella,

Mui bem conhece,

Aonde chega

Paixão de amor.

Eu já não soffro

A viva dor.



LYRA XVII.

Dirceo te deixe, ó bella,
De padecer cansado:
Frio suor já banha
Seu rosto descórado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já pára a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão , e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos Juizes se appresenta ,
E com sentidas vozes
Toda a sua tragedia representa :
Enche-se de ternura , e novo espanto
O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca ,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome , e mais da fêde :
Descança o curvo bico , e a garra impiã
Negro abutre esfaimado :
Nem na roca medonha a Parca fia.
Até as mesmas Furias inclementes
Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes ;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o fúrio , em que ficão
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro Reino , e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou póde dar-lhe mágoa , ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto as turvas agoas tome ,
Inda , Marilia, inda diz teu nome.

Entra Já nos Elysios
Campinas venturosas ,
Que mansos rios cortão ,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves ,
E bebe as agoas puras ,
Que o mel , e de que o leite mais suaves.
Aqui , diz elle , espero a minha bella ,
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde
Me leva a dôr activa?
He illusão desta alma.

Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gozar teus doces laços;
E em paga dos meus males
Devo morrer, Marilia, nos teus braços.
Então eu passarei ao Reino amigo;
E tu irás despois lá ter comigo.



LYRA XVIII.

Não molho, Marília,
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Não võe, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende-o nas azas
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-to levar.

Se o moço não mente,
Aos tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marilia, c'os teus :
As lagrimas nossas
No seio amontôa
Fórma azas, e voa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livra-los querendo
De riscos, e damnos
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banhárão
A Jove abrandárão,
E assim os salvou.

Con-

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abrandá,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.



LYRA XIX.

N Esta triste masmorra,
De hum semivivo corpo sepultura,
Inda, Marília, adoro
A tua formosura.

Amor na minha idéa te retrata,
Busca extremofo, que eu assim resista
A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso:

Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.

Movo ligeiro para o vulto os passos:
Eu beijo a tibia luz em vez de face;
E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;
A violencia da mágoa não supporto ;
Foge-me a vida , e caio
Não sei se vivo , ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito , e com mão terna
Me limpa os olhos do falgado pranto.

Despois que represento
Por largo espaço a imagem de hum defunto,
Movo os membros, suspiro,
E onde estou pergunto.
Conheço então que Amor me tem com siço;
Ergo a cabeça, que inda mal sustentou,
E com doente voz assim lhe digo.

Se queres ser piedoso ,
Procura o sitio em que Marilia móra ,
Pinta-lhe o meu estrago ,
E vê , Amor , se chora.
Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ,
Huma dellas me trazê sobre as pennas ,
E para allivio meu só isto basta.



L Y R A XX.

SE me visses com 'teus olhos
Nesta mafmorra mettido ;
De mil idéas funestas ,
E cuidados combatido :
Qual seria , ó minha bella,
Qual seria o teu pezar?

A' força da dôr cedêra.
E nem estaria vivo,
Se o menino Deos vendado,
Extremoso, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva;
O meio dia tem dado,
E o cabelo inda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido: E Marilia.
Não estima esse cabelo?
Se o deixas perder de todo
Não se ha de enfadar ao vello?
Suspiro pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio ,
Põe-se na meza a toalha ,
E eu pensativo passeio :
De todo o comer esfria ,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te ,
Diz Amor, te tens proposto ;
Fazes bem : terá Marília
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio
Me afflijo , mas vou jantar.

Chegão as horas Marília ,
Em que o Sol já se tem posto ,
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rosto :
Reclino na mão a face
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marilia
Vai erguer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha çuja candêa;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito;
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta ageito,
Tomo o pão, que penna finge.
Vou as Lyras copiar.

Sem

Sem que chegue o leve sono
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo ao Amor; que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Risistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu que vivo á sombra della
Inda vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?



LYRA XXI.

Que diversas que são, Marília, as horas
Que passo na masmorra immunda, e fêa,
Dessas horas felizes, já passadas
Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;
E á sombra de alto Cédro na Campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
De exceder hum ao outro qualquer trata
O ecco agora diz: *Marília terna;*
E logo: *Eulina ingrata.*

Dei-

Deixão os mesmos Sátyros as grutas :
Hum para nós ligeiro move os passos ;
Ouve-nos de mais perto , e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços .

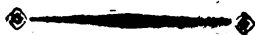
Dirceo (clama hum Pastor,) ah! bem merece
Da terníssima Marília a formosura.
E aonde , clama o outro , quer Eulima
Achar maior ventura ?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho ,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella , ó minha amada , só findava
Depois de acabar-se o dia.

A noite te escrevia na cabana
Os versos , que de tarde havia feito ;
Mal tos dava , e os lias , os guardavas
No casto , e branco peito.

Beijando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.



LYRA XXII.

POr morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme;
Não treme de fusto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marília,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentes,
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te
A gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repára, Marilia,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado.
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.



L Y R A XXIII.

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros :
Não traz de balde a vingadora espada ;
Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz , virtudes de homem
'As mãos se derão, e em seu peito morão.
Manda prender ao Réo austeramente a boca ,
Porém seus olhos chorão.

Se á innocencia denigre a vil calúnia
Que culpa aquelle tem que applica a penna.
Não he o Julgador , he o processo ,
E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano;
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Fúrias affligindo aos tristes:
Huma o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune.
Ao vassallo que julga delinquente;
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente?

L Y.



L Y R A XXIV.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras.
Huma soltarão, eu lhe sinto os passos,
Aqui aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalão-lhe as costelas,
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem

Vem agora hum Leão: facode a grenha ,
Com faminta pa xão a mim se lança ;
Venha embora , que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira ;
O corpo lhe fraquêa , os olhos inchão ,
Açoita o chão convulso, arqueja, e espira.

Mas que veio , Marilia ! tu te affustas ?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cêrco dos Romanos ?

Com urfos , e com onças eu não luto.
Luto c'ò bravo monstro que me accusa ;
Que os tigres , e leões mais fêro, e bruto.

Em

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada ;

Huma alma , qual eu tenho ;

Não se recêa a nada.

Eu hei-de , sim , punir-lhe a insolencia ,
Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito
Cq' as armas invencíveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo

Hei-de com mão honrada

Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi : Infame , indêno ,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço o que faz hum coração divino.



LYRA XXV.

Minha Marilia, —
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes poufa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vóa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nios mostra,
Que se desvéla,
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voráz Tempo ,
Que o ferro come ,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome ,
Tambem, Marilia ,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa ;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo feixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tam-

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos.
Com agoa a vemos
Mais s' inflammarmos.

O meu discurso ,
Marilia, he resto :

A pena iguala
Ao meu affecto.

O amor que nutro

Ao teu aspecto ,

E o teu semblante

He singular.

Ah ! nem o tempo ,

Nem inda a morte

A dôr tão forte

Pode acabar.



LYRA XXVI.

Aquella, a quem fez cégo a Natureza,
C'o bordão apalpa, e aos que vem pergunta;
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo;
Sim me queixo de que má céga seja
Céga que nem pergunta, nem apalpa,
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as-großas chaves de hum thesoiro;
E lança na miseria a quem conhece
Para que ferve o oiro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que a tráz do vício em liberdade corra ,
Eu hõro as leis do Imperio, ella me opprime
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa
Co' a sólida razão se não coaduna ,
Como me queixo da Fortuna tanto ,
Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa
Que os Sábios fingem que huma roda move,
He só a occulta mão da Providencia ,
A fábia mão de Jove.

Nós he que somos cégos , que não vemos ;
A que fins nos conduz por estes modos ;
Por torcidas estradas , ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alec

Alegre-se o perverso com as ditas;
 C'o seu merecimento o virtuoso;
 Parecer desgraçado, ó minha bella,
 He muito mais honroso.



L Y R A XXVII.

A Minha amada
 He mais formosa
 Que branco lyrio,
 Dobrada rosa,
 Que o cinnamomo,
 Quando matiza
 Co' a folha a flor,
 Venus não chega
 Ao meu Amor.

Vaf-

Vasta campina
Detrigo chêa,
Quando na festa
C'o vento ondêa,
Ao feu cabelo
Quando flutua
Não he igual
Tem a côr negra :
Mas quanto val !

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são.
Que ao Sol excedem
Na luz que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve
Jasmin de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desfata
O Sol brilhante
Com seu calôr.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se

Se não lhe dêsse
Compadecido
Tanto soccorro
O Deos Cupido ;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto póde
Teu bello rotto ;
E de goza-lo
O vivo gosto !
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal ,
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.



LYRA XXVIII.

D Eté-te, vil humano,
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.
O çumo que ellas dão he pouco forte,
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo,
Ajunta ahi venenos,
Que nunca vísse o mundo;
Trazê o negro licôr, que tem nos dentes,
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado ,
Que pôz a Natureza
Dentro no Mar falgado ,
Não se abala no meio da tormenta ,
Bem que huma onda , e outra onda
Sobre elle em flor rebenta.

Arvore , que na terra
As robustas raizes ,
Buscando o centro , afferra ,
Não teme ao furacão mais violento ;
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento.

Sou tronco , e rócha , ó bella ,
Que agoita o Sul que brama ,
E o Mar , que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude :
Vence as róchas , e os troncos
A fólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha ;
Com que males não póde
Huma alma como a minha ?

LYRA XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d'ouro.

Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cansado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento.

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não locega em tanto.
Ergo a voz, então reparo
Que quanto mais corre o pranto
He mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir hum largo espaço;
Assim diz: *o Deos Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém vê que ta concedo
Com condição, e cautella...
Eu lhe corto a voz, dizendo;
Que só canto em honra della.



LYRA XXX.

O Pai das Mufas ,
O Pastor loiro
Deo-me, Marilia ,
Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo ,
O brando vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabelo
Vale hum thesoiro;
Hum só me adorna
A fábria frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste;
Delles faz guerra;
Ninguem lhe foge;
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvas,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seusinhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte. .

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis cadeas.

Dou

Dou hum suspiro ,
Corre o meu pranto;
E inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto.

Sou da constancia
Hum vivo exemplo.
E vós, ó ferros ,
Honrareis inda
De Amor o Templo.



L Y R A XXXI.

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia,
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia.

Hon-

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada chóça.

Metteo-me nesta infame sepultura,
Que he sepulcro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha Amada, nem consigo,
Venha outro desgraçado
Sentir também comigo.

Mas se esta companhia não mereço.
Os Deoses me dão outra,
Inda de mais apreço.

Não he, não, illusão o que te digo;
Tu mesma me acompanhas;
Peno, mas he contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas ,
Os teus foltos cabellos ,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as vísse, infeliz me não differa ,
Bem que subíra ao Potro ,
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas ,
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas.

Mas vejo , ó cara , as tuas letras bellas ;
Huma por huma beijo ,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino ;
Que o teu amor na ausencia
Será leal , e fino.

De novo a carta ao coração aperto ,
De novo a molha o pranto
Que de ternura verto.

Ah ! leve muito embora o duro Fado ,
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro , que do roubo nem me queixe ,
Com tanto , ó minha cara ,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão ,
Os que te amão , sómente
Porque menos te ouvirão ?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega ;
Que eu tenho aquella gloria ,
Que a mil felizes nega.

LYRA XXXII.

SE o vasto mar se encapella ,
E na rócha em flor rebenta ,
Grossa náó, q' náó tem léme ,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga , e corre
A' discrição da tormenta.

Quem náó tem huma Belleza ,
Em que ponha o seu cuidado ,
Se o Ceo se cobre de nuvens ,
E se assopra o vento irado ,
Náó tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra ,
Aonde, Marilia, vivo ,
Encosto na mão o rosto ,
Fico ás vezes pensativo.
Ah ! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra ,
Marilia, toda enlutada ,
A face de hum pai rugosa ,
N'um mar de pranto banhada ,
Os amigos mascilentos ,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ,
Vejo n'ua grande Praça
Hum theatro levantado.
Vejo as Cruzes , vejo os Potros ,
Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio fuor me cobre,
 Lação-se os membros, suspiro,
 Busco allivio ás minhas ancias,
 Não o descubro, deliro.
 Já, meu Bem, já me parece,
 Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
 A tua testa nevada,
 Os teus meigos, vivos olhos,
 A tua face rosada,
 Os teus dentes crystallinos,
 A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
 Que a negra noite affugenta,
 Qual o Sol, que a nevoa espalha
 Apenas a terra aqueenta,
 Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
 Quando se vê na tormenta.

208 MARILIA DE DIRCEO.

Assim, Marília, desterro
Triste illusão, e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marília, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

Vende-se na Loja da Gazetta.



